

A EXPERTISE COMO ARMA

Amostra

A Expertise como Arma

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Copyright © 2025 Massachusetts Institute of Technology

ISBN: 978-85-508-2791-9

Translated from original The weaponization of expertise © 2025 by Jacob Hale Russell and Dennis Patterson. ISBN 2024019083. This translation is published and sold by Massachusetts Institute of Technology, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R966e

1. ed.: Russell, Jacob Hal

A expertise como arma : como as elites alimentam o populismo / Jacob Hale Russell, Dennis Patterson ; 1. ed. - Rio de Janeiro : Alta Books, 2026.

336 p.; il.; 16 x 23 cm.

Título original: The weaponization of expertise
ISBN 978-85-508-2791-9

CDD 320.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciência política 320.01

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Editor da Obra: J. A. Ruggeri

Produção Editorial: Estúdio Gama
Revisão: Rafael Surgek
Capa: Eduardo Proença



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



JACOB HALE RUSSELL | DENNIS PATTERSON

A EXPERTISE COMO ARMA

COMO AS ELITES ALIMENTAM
O POPULISMO



ALTA/CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2026

Amostra

Sumário

Epígrafe	3
Dedicatória	4
Prefácio	5
1. Expertise Corrompida	14
I - Uma Jogada Exagerada: A Era da Expertise Irrefletida	24
2. Elites e a Cultura da Expertise	25
3. O Mau Uso da Expertise	58
4. Explicando o Abuso da Expertise	89
II - Blefe: Populistas contra Especialistas	118
5. Compreendendo Mal o Populismo	119
6. Hábitos Mentais Populistas	138
7. Expertise em Políticas Públicas	163
III - Redobrando a Aposta: Armas em Nome da “Desinformação”	197
8. Muito Barulho por Nada: A Misinformação	198
9. Mercadores do Excesso de Confiança	220
10. O Fechamento da Mente das Elites	245

11. Conclusão: Dando uma Chance ao Julgamento Político	270
Agradecimentos	278
NOTAS	280
Índice	328

Amostra

Aprenda com a ciência que é preciso duvidar dos especialistas. Aliás, também posso definir ciência de outra maneira: ciência é a crença na ignorância dos especialistas.

— Richard Feynman, “*What Is Science?*”

Nunca é possível saber muito sobre qualquer assunto. Eu preferiria muito mais a seguinte definição: um especialista é alguém que conhece alguns dos piores erros que podem ser cometidos em determinado campo — e como evitá-los.

— Werner Heisenberg, *Physics and Beyond*

Cientistas! Se nós estivéssemos errados com a mesma frequência que eles, já teriam atirado em nós.

— Colby Young, pescador de lagostas do Maine, falando ao jornalista Colin Woodard em *The Lobster Coast*

Amostr

Para Guy and Aija—J.H. R.
Para Mac Joseph Patterson—D.P.

Prefácio

Em 2020, quando a pandemia de coronavírus se espalhou pelo mundo, comentaristas e articulistas de opinião correram para cobrir de elogios o governador Andrew Cuomo, de Nova York. “Andrew Cuomo acerta: governar pela ciência”, dizia uma manchete tipicamente ofegante do *Washington Post*.¹

A queda de Cuomo em desgraça, é claro, foi igualmente rápida. Embora a causa imediata de sua renúncia, em novembro de dois mil e vinte e um, tenha sido uma série de escândalos de assédio sexual, já se entendia amplamente, a essa altura, que a volta da vitória pandêmica de Cuomo havia sido prematura. Em dois mil e vinte e dois, uma auditoria do controlador do estado de Nova York confirmou o que muitos suspeitavam: que o governo Cuomo havia enganado o público sobre o número de mortes em casas de repouso.²

Sua abordagem autocrática e autoconfiante para a gestão da pandemia passou a ser alvo de críticas vindas de muitos setores científicos.³ E, depois de tecerem elogios efusivos às suas coletivas de imprensa, os comentaristas permaneceram em grande parte em silêncio quando seus discursos deram lugar a afirmações anticientíficas — para não dizer cruéis.

Em certo momento, Cuomo afirmou que as mortes por COVID-19 eram “todas autoimpostas”, chegando a fazer uma analogia que insultava, ao mesmo tempo, qualquer pessoa com obesidade incontrollável: “Se você não tivesse comido o cheesecake, não teria um problema de peso”.⁴

Como observadores à época, não nos surpreendemos com o fato dos tropeços de Cuomo: muitos deles eram transparentes desde o início da

pandemia.⁵ Mesmo sem um exame cuidadoso dos fatos, normas básicas de humildade e de bom senso deveriam ter sugerido que era prematuro coroar quem quer que fosse como infalível — muito menos vitorioso — diante de um vírus novo, pouco compreendido e que se espalhava rapidamente.

O que nos surpreendeu, em vez disso, foi o grau em que acadêmicos, jornalistas e outras elites haviam sido enganados por Cuomo. Poucos deles abrigavam qualquer ceticismo em relação à conduta de Cuomo durante a pandemia; ao que parece, eles haviam sido genuinamente levados pela narrativa de um líder heroico seguindo os ditames da ciência. Talvez fôssemos simplesmente ingênuos, mas sempre pensamos na academia e no jornalismo como instituições que formam o núcleo de um bastião de ceticismo saudável. Normas básicas dessas instituições exigem reserva de julgamento, coleta e avaliação cuidadosas de evidências, bem como disposição para dialogar com pontos de vista opostos e para reconhecer ativamente a possibilidade de estar errado. Poucos desses traços estiveram em evidência tanto na academia quanto no jornalismo. Tememos que isso tenha se tornado a regra, e não a exceção, no discurso contemporâneo.

Anthony Fauci oferece outro exemplo — e, em alguns aspectos, ainda mais interessante. Independentemente do que se pense sobre a forma como ele lidou com a pandemia, a dúvida a respeito de suas posições iniciais — sobre fechamento de escolas, uso de máscaras, lockdowns e outros temas — hoje é ampla e legitimamente aceita como parte de um debate em andamento. Mas, à época em que o Dr. Fauci fez muitas de suas recomendações, ele era considerado pelas elites como alguém acima de qualquer crítica.⁶ Mais uma vez, não nos intriga o fato de Fauci poder ter estado errado em determinados assuntos. O que intriga é o quão apaixonadas as elites se tornaram ao endeusar as opiniões de Fauci como se representassem uma verdade científica infalível. O próprio Fauci entrou nessa quando disse, de forma infame: “Ataques a mim, francamente, são ataques à ciência”.⁷

Mais preocupante ainda, a ideia de que era preciso deferir à ciência estendeu-se até a afirmações que não poderiam ser julgadas apenas pela ciência. As políticas adotadas durante a pandemia envolviam compensações que não

poderiam ser resolvidas sem considerar domínios muito além de áreas como a imunologia. Poucas das questões poderiam, legitimamente, ser reivindicadas como de domínio exclusivo de especialistas de qualquer tipo. Especialistas podiam ajudar com previsões sobre aspectos específicos de uma intervenção, mas a maioria das grandes escolhas de política pública envolvia valores e outras questões políticas. Quando políticos reconheceram isso, como Rishi Sunak admitiu mais tarde sobre a resposta britânica à pandemia, já era tarde demais.⁸

Tratar a ciência como uma religião unitária, com Fauci como seu sumo sacerdote, teve consequências. Afastou pessoas. Degradou a confiança nas instituições de saúde pública, talvez de maneira bastante duradoura, à medida que a confiança excessiva inicial por parte de líderes da saúde pública se transformou em dúvida crescente. Privou o público de seu papel legítimo na consideração de questões importantes: mesmo que a ciência pudesse prever com precisão e unanimidade as consequências sanitárias de um lockdown, sempre haveria outras ramificações para escolas, instituições cívicas, vida social e comunidade, que muitas vezes foram descartadas como mera “economia”.

A própria pesquisa científica foi sufocada nesse ambiente. Algumas questões básicas jamais foram respondidas. Quando enfrentarmos a próxima pandemia, não saberemos quais intervenções funcionam melhor.

Nos últimos tempos, tornou-se comum proclamar que os Estados Unidos se tornaram estúpidos, uma nação enraizada no desprezo obstinado e infundado de um público desorientado pelos especialistas. Como um dos defensores dessa visão, Tom Nichols afirma que os Estados Unidos são “agora um país obcecado pelo culto à própria ignorância”. Nichols sustenta — oferecendo pouca evidência — que estamos cada vez mais “carecendo de conhecimento básico, . . . rejeitando regras fundamentais de evidência e nos recusando a aprender a formular um argumento lógico”.⁹ As elites assentem com a cabeça em concordância: a única razão para alguém discordar delas só pode ser estupidez. O presidente Barack Obama foi aplaudido em um discurso de

formatura, em dois mil e dezesseis, ao repreender que “ignorância não é uma virtude” e que “fatos e evidências importam”, uma reprimenda a uma nação onde “especialistas de verdade são descartados como elitistas” em razão de uma crescente “onda de anti-intelectualismo”.¹⁰ Outros comentaristas são mais grosseiros, rotulando a América como uma “nação de idiotas . . . de pessoas militantemente ignorantes”.¹¹

Desnecessário dizer que há mais nessa história. Esses comentaristas descartam seus críticos sem dialogar com eles. Nunca enfrentam os desafios de empregar a expertise em uma sociedade democrática. Grande parte de seu relato se apoia em premissas falsas e suposições intuitivas sobre o momento atual. Para citar apenas um exemplo, que discutiremos mais adiante, não estamos vivendo uma era particularmente incomum de “desinformação”. Como afirmação empírica, isso é pura hipérbole.

Mas, talvez mais importante, as afirmações desses comentaristas estão ancoradas na soberba: uma crença implausível de que elites e especialistas são infalíveis e de que a maioria de nossos problemas sociais pode ser resolvida por meio de expertise técnica, se apenas os ignorantes ouvissem. Esses especialistas arrogariam para si o poder de fazer todos os juízos de valor na sociedade. É difícil saber o que é pior: se essa soberba decorre de uma fome de poder ou, em vez disso, de uma cegueira diante da realidade de que a maioria das questões sociais complexas gira, de fato, em torno de valores, e não da recitação de fatos inequívocos.

Os argumentos apresentados pelas elites sobre o papel dos especialistas versus o da sociedade no julgamento político são perturbadores. Eles não são apenas antidemocráticos, como também profundamente corrosivos para a própria expertise. A expertise deveria se apoiar na humildade, na dúvida, no ceticismo e no diálogo aberto, mas a linha de argumentação das elites transforma a ciência em dogmatismo. Em termos simples, as elites estão fazendo exatamente aquilo de que acusam seus críticos. As consequências são trágicas para a expertise.

O filósofo Michael Sandel coloca a questão de forma direta em sua crítica recente à meritocracia e à soberba que ela gera nos vencedores: as elites “inalam profundamente demais o próprio sucesso”.¹² Cegas para suas próprias

falhas, elas parecem incapazes de compreender que seus críticos são racionais e merecem ser levados a sério. Essa cegueira as conduziu a conclusões políticas inquietantes, que sufocaram a dissidência e, por sua vez, alimentaram o atual momento populista.

Nosso livro propõe um corretivo para essa fé cega e perigosa na expertise. Não depreciamos a expertise. Em vez disso, identificamos um conjunto de patologias que passaram a envolver muitas instituições destinadas a arbitrar a expertise. Dúvida, incerteza e contra-argumentos passaram a ser temidos, quando esses hábitos são cruciais para a acumulação do conhecimento. Credenciais são usadas como cartas-trunfo. A academia oscila entre guerra territorial e instrumento para fins políticos. É claro que a desinformação existe. Mas ela sempre existiu, e os problemas mais desafiadores do debate público não giram em torno do negacionismo. Ao contrário, nossa polarização e nosso impasse devem-se ao menos tanto a elites tecnocráticas que levaram longe demais seus temores em relação à desinformação, avançando para a supressão do ceticismo e da dissidência saudável. Especialistas são falíveis, e consensos de especialistas podem estar — e já estiveram — errados. Com demasiada frequência, elites abusam da alegação de “seguir a ciência” para encobrir escolhas políticas complexas e compensações difíceis. Essa alegação exige mais, e não menos, tolerância ao ceticismo saudável.

Vivemos em uma era de elitismo tecnocrático. Formuladores de políticas públicas usam as opiniões de especialistas para justificar todo tipo de lei, diretriz e política. Elites recorrem incessantemente às credenciais como forma de justificar sua autoridade e de encerrar o debate público amplo. A desinformação — domínio de negacionistas disfarçados de céticos — é, de fato, um elemento do discurso público. Mas discordância não é uma medida confiável de desinformação. Ao confundir as duas coisas, elites desprezam todas as vozes críticas — de populistas a céticos científicos convencionais — como participantes “marginais” do debate público. Consideramos isso um erro grave. Revela pouco respeito pela opinião pública ou consciência da dificuldade de traçar uma linha em torno do “pensamento errado”, e só conduz a mais polarização.

A expertise — ou, ao menos, a aparência de expertise — está em toda parte. Especialistas estampam manchetes não apenas para nos dizer como devemos pensar sobre política interna e externa, mas também para nos lembrar de assistir a mais vídeos engraçados de gatos em nome da saúde mental.¹³ Especialistas distribuem conselhos sobre tudo, de modelos de aquecimento global a como se manter aquecido durante apagões. (Neste último caso, os especialistas têm algumas soluções criativas que pessoas comuns talvez não considerem: acenda a lareira ou, se não tiver uma, use um aquecedor.¹⁴) Às vezes brincamos de ir à primeira página do *New York Times* ou do *Washington Post* e procurar quantas vezes a palavra *expert* aparece. Parece estar ali mais vezes do que não. Esses especialistas são mobilizados menos para raciocinar com nuance sobre assuntos difíceis e mais para reforçar a linha partidária com o selo de suas credenciais. O *New York Times* utiliza seus especialistas com grande eficácia: uma referência a “especialistas” em uma manchete pode insistir na neutralidade “apenas os fatos” do jornal em uma matéria escrita sobretudo para discordar de Donald Trump (“Trump tenta melhorar seu histórico ambiental com uma nova regra sobre água, mas especialistas rejeitam sua eficácia”); pode conferir um selo de credibilidade porque o jornalista conversou com um professor ou dois (“O que se pode deduzir da duração das deliberações do júri no caso Rittenhouse? Não muito, dizem especialistas”); ou até servir como isca descarada de cliques para direcionar leitores a ofertas mais orientadas ao comércio (“Esses gadgets aprovados por especialistas podem ajudar a melhorar sua cozinha gastando menos”).¹⁵ Todo campo precisa de seus especialistas: não apenas “especialistas em doenças infecciosas”, “especialistas em policiamento” e “especialistas nas armas de mil setecentos e noventa e um” (dos quais, segundo o *Times*, temos “uma necessidade repentina”), mas agora também “especialistas em presentes”, “especialistas em churrasco de estacionamento”, e até “especialistas em Wordle”. Ao navegar pelas notícias, é possível ouvir um especialista em parentalidade, um especialista em cuidados com a pele, um especialista em trajes de banho, um especialista em moradia, um especialista em estilo de vida, um especialista em estilo de vida digital, um especialista em inclusão social, um especialista em prevenção do burnout, um especialista em organização,

um especialista em aspiradores, um especialista em redução e organização de espaços e até um especialista em rituais.¹⁶

Muitos desses exemplos de supostos especialistas são, sem dúvida, divertidos, mas também sinalizam uma cultura subjugada pela expertise. De mil novecentos e cinquenta e quatro a mil novecentos e noventa e nove, o termo *expert* ou *experts* apareceu em manchetes do *New York Times* nesse uso — especialistas compartilhando seu consenso — apenas quinze vezes; só em dois mil e vinte e um, ele figurou em mais manchetes do que em todo o período anterior de quarenta e cinco anos.¹⁷ No *Huffington Post*, nunca afeito a meias medidas, o termo aparece no título ou na assinatura mais de duas mil vezes entre dois mil e doze e dois mil e vinte e dois (expertise ao resgate: “especialistas em etiqueta compartilham gafes a evitar ao se hospedar em um hotel, especialmente durante a pandemia” e “de máscaras para os olhos a travesseiros de pescoço, eis o que especialistas em saúde levam na bolsa quando viajam”).¹⁸ Trata-se de uma imitação empobrecida e fora de marca da expertise. Tragicamente, parece ser esse o tipo de expertise que as elites celebram. Onde, algumas décadas atrás, instituições acadêmicas poderiam ter perfilado seus pesquisadores e estudiosos — ou, melhor ainda, escrito sobre a própria pesquisa —, hoje páginas de universidades ostentam com destaque seus “docentes especialistas”, que invariavelmente são ao menos “notáveis” ou “líderes”, quando não “renomados mundialmente”. Um estudioso busca conhecimento; um especialista, ao que parece, diz o que se deve pensar.

Depois de uma série de resultados surpreendentes — do referendo do Brexit à eleição de Trump — muitos prometeram publicamente tentar entender por que tantos eleitores haviam feito escolhas que pareciam inimagináveis do ponto de vista do mainstream. O esforço para ampliar o círculo de compreensão, infelizmente, parece ter sido de curta duração, e uma amnésia coletiva quanto às consequências de ignorar amplos segmentos do eleitorado se instalou. Muitos de nossos colegas, por exemplo, ficaram surpresos com o quão perto Trump

chegou de um segundo mandato em dois mil e vinte, apesar de sua aparente má condução da pandemia de COVID-19 e apesar dos muitos outros obstáculos em seu caminho, incluindo a mudança para um sistema de votação por correio politicamente desfavorável. Embora tenhamos compartilhado a repulsa de nossos colegas pelo mandato de Trump, dificilmente nos surpreendemos com a proximidade dessa vitória.

Nossa teoria da epistemologia populista desenvolveu-se a partir de um curso que ministramos em nossa faculdade de direito, “Populismo e o Direito”. Se fosse preciso reduzir nosso curso a uma única pergunta, ela seria: o que significa aplicar o rótulo populista de maneira equivalente tanto a apoiadores de Bernie Sanders quanto a apoiadores de Trump? Formular a questão dessa forma significava que precisávamos evitar a maioria das narrativas de espantinho sobre o populismo (por exemplo, a ideia de que populistas são apenas racistas raivosos ou apenas conservadores raivosos). Isso nos obrigou a examinar as reivindicações e perspectivas dos eleitores populistas. Análises cuidadosas e atenção aos dados empíricos abalaram muitas premissas firmemente estabelecidas sobre o populismo — as de nossos estudantes e as nossas próprias.

Consideramos preguiçoso descartar o populismo sem antes buscar compreendê-lo e levar suas reivindicações a sério. Embora sedutor, o desprezo pelo populismo é perigoso.¹⁹ A ignorância deliberada que leva alguém a desqualificar populistas tem resultado, nos últimos anos, na eleição de autoritários. Apesar de uma breve janela após dois mil e dezesseis em que muitos buscaram compreender melhor os eleitores, o comentário mainstream parece ter retornado ao seu antigo registro de desprezo — o que, por sua vez, gera ainda mais polarização, medo e raiva. O desprezo é preguiçoso. Eleitores populistas estão cheios de surpresas e não são facilmente encaixotados. Argumentamos aqui que o que mais une os populistas — tanto os de esquerda quanto os de direita — não é sua agenda política nem um conjunto de atitudes como o racismo, mas sim sua perspectiva cética em relação à expertise em políticas públicas.

Nosso livro destila três dimensões de uma mentalidade elitista falha que são tão disseminadas quanto corrosivas. A primeira é a condescendência: por causa de uma fé equivocada na meritocracia, as elites veem uma América assolada pelo flagelo da ignorância e pela incapacidade das pessoas comuns de confiar em seus superiores intelectuais. A segunda é o paternalismo tecnocrático, uma mentalidade que caracteriza erroneamente nossas disputas mais importantes como sendo disputas sobre fatos. As elites acreditam, de maneira equivocada, que, se conseguirmos concordar sobre os fatos, a concordância sobre políticas se seguirá. A terceira mentalidade é a tirania intelectual. As elites veem a dúvida e a dissidência como resultado de processos falhos, quando não de corrupção explícita. Essa visão abre caminho para uma cultura intelectual que não tolera dissenso e presume que os oponentes não intelectuais ou não elitistas agem de má-fé. Cada uma dessas três visões está inter-relacionada, decorrendo da mesma valorização de credenciais e mérito, e cada uma é igualmente corrosiva.

Alguns livros excelentes foram escritos sobre a pandemia. Naturalmente, a pergunta que surge repetidamente é: “O que podemos fazer para estar preparados para a próxima pandemia?”. Nossa resposta não se baseia na epidemiologia, na saúde pública ou em qualquer outro empreendimento científico, embora discutamos todas essas abordagens neste livro. Nossa contribuição é fazer o que estiver ao nosso alcance para melhorar a qualidade do discurso público quando a próxima pandemia chegar. Para ser francos, há pouca esperança de uma resposta bem-sucedida à próxima pandemia se não formos honestos sobre o que deu errado nos debates sobre a mais recente. Se o clima para o debate não melhorar, estaremos condenados a repetir os erros cometidos desta vez.

Expertise Corrompida

A ÚLTIMA DÉCADA TROUXE uma série de reprimendas às classes dominantes elitistas e, em particular, aos especialistas que elas exibem. “O povo deste país está farto de especialistas.”¹ “O povo não é estúpido; e é possível confiar em sua sabedoria a longo prazo, mais do que nos supostos especialistas.”² Embora essas afirmações sejam surpreendentemente semelhantes, elas vêm de extremos opostos do espectro político. A primeira foi proferida durante a campanha do Brexit pelo direitista Michael Gove; a segunda veio da esquerda política, do presidente Ólafur Ragnar Grímsson, da Islândia, em defesa de sua decisão de vetar uma resolução parlamentar e enviá-la a referendo público — um poder nunca antes exercido por um presidente islandês.³ Mesmo quando a linha de ataque é lançada por outras elites, a crítica ressoa. O político grego de esquerda Yanis Varoufakis explica que se tornou economista “porque me recusei a deixar isso nas mãos dos especialistas”, tendo concluído que “os supostos especialistas em nossas grandes universidades, em nossas telas de TV, nos bancos e na indústria financeira não sabem de nada.”⁴ Eleitores de ambos os lados do espectro estão cada vez mais fartos de serem instruídos sobre o que pensar.

As elites responderam formando um círculo defensivo. Afirmam que a ciência e a expertise estão sob ataque. Platitudes que clamam por questionamentos — “acreditamos na ciência”, “siga a ciência”, “confie nos especialistas” — tornou-se o mantra obrigatório de políticos, comentaristas e placas de jardim durante a pandemia de COVID-19. Desenvolveu-se uma obsessão paranoica com a desinformação. Para essas elites, a discordância,

em vez de representar um sinal saudável de democracia, provava que forças ocultas estavam desviando os norte-americanos. Comentaristas do populismo passaram a oferecer retratos impressionistas — inevitavelmente sarcásticos e unidimensionais — da ignorância dos eleitores antiestablishment.

Seriam essas explicações corretas ao retratar uma massa de “deploráveis” raivosos e desesperançosos, fomentada por um bando de lunáticos autoritários? No mínimo, esse diagnóstico elitista não parecia solucionar as coisas. Em 2020, apenas 43 mil votos a mais — a margem combinada de vitória de Biden na Geórgia, no Arizona e em Wisconsin — teriam garantido a Trump um segundo mandato. Ainda assim, diante dos 74 milhões de votos recebidos por Trump, o segundo maior total da história dos Estados Unidos, as elites dobraram a aposta no desprezo pelos seus eleitores.

A sabedoria convencional sobre eleitores antiestablishment apresenta outras anomalias. Se o populismo não é nada além da fúria agonizante de nacionalistas racistas, como compreender a ascensão de eleitores antiestablishment à esquerda, exemplificada por Bernie Sanders nos Estados Unidos e por partidos populistas de esquerda em toda a Europa e América Latina? A caricatura dos populistas como xenófobos não consegue explicar facilmente as nuances das recentes revoltas populistas, seja nos protestos dos *gilets jaunes* na França ou na manifestação do comboio canadense em 2022. Mas as elites parecem cada vez menos interessadas na complexa desordem da esfera pública. O Brexit, ou “British exit” [saída britânica, em tradução direta], fornece um exemplo claro: as elites continuam a interpretar o voto pelo “Leave” (sair da União Europeia) como prova de que os eleitores eram ignorantes e facilmente manipulados. No entanto, dado o debate robusto que precedeu o pleito e uma eleição em que impressionantes 72% dos eleitores compareceram às urnas, o Brexit poderia muito bem ser visto como uma manifestação exemplar da democracia em ação — independentemente do resultado. Ou seja, um país travou um debate público, aberto e vigoroso sobre seus valores e sua identidade fundamentais, revelando queixas profundas e rachaduras que estavam sob a superfície da vida política britânica. Descartar esse processo apenas porque você não gostou do resultado revela desprezo pela democracia.⁵

As elites, como afirma Jackson Lears, reduziram “um complexo fervor populista [...] à criação de políticos ardilosos manipulando uma população iliberal.”⁶ Raramente parece ocorrer às elites perguntar por que os populistas estão com raiva. É verdade que uma minoria de analistas ponderados ofereceu algumas explicações para o desprezo cultural sentido por eleitores da classe trabalhadora, para os males políticos de um país polarizado e para o impacto psicológico pernicioso da meritocracia sobre as elites.⁷ Mas muitos outros comentaristas simplesmente descartaram os eleitores populistas.

O termo *elite* é controverso. Pesquisadores e comentaristas discutem seu significado e, em muitos casos, negam sua plausibilidade. Detalhamos nossa compreensão do termo no capítulo 2, mas o traço distintivo de uma elite são as credenciais acadêmicas. Elites estão presentes nos corredores da academia e do governo, bem como nos jornais e na mídia em geral. Embora existam elites conservadoras, elas costumam ser politicamente mais à esquerda em questões sociais.⁸ Seu lar é urbano, e se comportam como profissionais confiantes e bem-sucedidos. Elites valorizam inteligência, diplomas e expertise — tudo o que possuem em abundância. Temos muito mais a dizer sobre as elites ao longo do desenvolvimento de nossos argumentos.⁹

Nosso livro concentra-se em uma fonte altamente visível e perniciosa de fervor antiestablishment: o uso rotineiro e indevido da expertise na esfera pública. A expertise é o principal instrumento pelo qual as elites alegam legitimidade e justificam sua autoridade. Assim, quando a expertise é rotineira e comprovadamente mal utilizada, a legitimidade se dissolve. Elites são muito boas em diagnosticar a falha dos eleitores em seguir os alertas de especialistas. São menos bem-sucedidas em diagnosticar a si mesmas. “Siga a ciência”, para usar um axioma desgastado dos últimos anos, representa um abuso doloroso da ideia de expertise. A frase parte de uma premissa não demonstrada e implica que compensações complicadas envolvendo valores sociais não são questões de julgamento público, o que, por sua vez, sufoca a discussão e o debate.

Somos defensores da expertise. A expertise é indispensável. Muitas vezes, é usada de maneira adequada e sábia para informar debates e decisões. Mas, como documentamos neste livro, seu uso hipócrita, seletivo e exagerado

tornou-se rotineiro na esfera pública. Esse abuso corrói a verdadeira expertise. Ele alimenta sentimentos antiestablishment. Quando as elites correm para as trincheiras, supostamente em defesa da ciência e da expertise, mas na realidade a serviço de sua agenda política preferida, degradam ainda mais a própria expertise.

A sabedoria convencional atual das elites — de que a ciência e o conhecimento estão sob ataque por uma parcela crescente da população — simplesmente não se sustenta. Tampouco ajuda: chamar seus oponentes de “negacionistas” não é nada persuasivo. As elites desenvolveram um léxico para descartar as alegações feitas por outros: misinformation, negacionismo, whataboutismo, *doisladismo*. Ideias com as quais discordam são rotuladas como perigosas, o que as coloca fora dos limites de uma discussão civilizada. É claro que a misinformation existe e merece atenção. E ideias podem, de certo modo, ser “perigosas” — não pode ser diferente se você acredita, como nós, que ideias importam. Mas quando esses termos são lançados de maneira casual e generalizada, eles deixam de ter qualquer significado real, e sua consequência principal é tornar impossível o debate vigoroso, mesmo dentro da torre de marfim.

Precisamos retornar a alguns hábitos básicos e de bom senso: não silenciar outros, não atacar espantalhos, não recorrer a ataques *ad hominem*. Parece-nos peculiar que precisemos defender o ceticismo, uma postura filosófica com longa tradição. No contexto da cultura intelectual, com sua estabilidade, o ceticismo é precisamente o tipo de prática que deveria ser defendida ou incentivada. A investigação cética é a essência do temperamento acadêmico. Ou assim pensávamos. Mas o ceticismo tem recebido uma publicidade negativa ultimamente. Às vezes é associado a um ambiente de “pós-verdade”, no qual misinformation e negacionismo são desenfreados. Muitos acadêmicos agora parecem acreditar que todo ceticismo é, na melhor das hipóteses, fraco e, na pior, perigoso. Essa postura é indefensável no campo da intelectualidade e, na prática, inviável.

Populistas e especialistas

O excesso de atuação dos especialistas aciona o ceticismo populista. As elites gostariam que acreditássemos que o ceticismo é mal direcionado ou, pior, a origem da misinformação e da desinformação, mas argumentamos que o ceticismo populista é bem fundamentado e dificilmente constitui uma causa principal para esses dois fenômenos¹.

Ao contrário do que afirmam alguns de seus críticos contemporâneos, o populismo não possui uma orientação política específica — o que explica por que eleitores tão díspares quanto apoiadores de Sanders e de Trump costumam receber o rótulo de *populistas*. O populismo também é comumente (e de forma equivocada) confundido com outros fenômenos políticos, como autoritarismo, demagogia e nacionalismo. Essas crenças políticas são distintas do populismo. Movimentos populistas podem ter elementos de cada uma delas, mas o mesmo também pode ocorrer em outros movimentos, incluindo o liberalismo dominante. O enquadramento que utilizamos para compreender os eleitores populistas é epistemológico — um foco em seu ceticismo em relação à expertise das elites, um ceticismo frequentemente fundamentado na experiência.

Esse ceticismo populista é notavelmente defensável e racional. Ele funciona como uma correção útil para uma patologia elitista crescente: o excesso de intervenção quando se trata de expertise, bem como a percepção de que a tecnocracia privou a esfera pública de sua voz. A. O. Hirschman afirmou, de maneira célebre, que havia duas formas de expressar discordância com uma instituição: voz (manifestar-se) ou saída.¹⁰ As restrições das instituições liberais globalizadas atuais tornam ambas as vias difíceis. A aparente destrutividade

1. Misinformação ocorre quando informações incorretas ou inexatas são compartilhadas sem a intenção de enganar. Desinformação é a disseminação de informações falsas de forma intencional, com o objetivo de enganar, manipular ou confundir. (N. do R.T.)

do populismo, então, é estratégica: ela cria opções diante da imposição de que não existem opções. Quando Angela Merkel disse aos alemães que sua política monetária orientada por especialistas era *alternativos*, “sem alternativa”, involuntariamente forneceu o nome perfeito para um novo partido populista de extrema direita, a *Alternative für Deutschland* (AfD).¹¹ Merkel, é claro, não foi o primeiro nem o último membro da elite a dizer aos eleitores que uma determinada política “não tinha alternativa”, nem a última a receber como resposta a criação de um conjunto inesperado e imprevisível de alternativas.

Muitos se perguntaram por que a pandemia de COVID-19 não garantiu a Biden uma vitória esmagadora. Concentrando-se na má condução da pandemia por Trump, a campanha de Biden apostou na promessa de “seguir a ciência”. O mantra clichê, ao mesmo tempo iliberal e anticientífico, não convenceu muitos. Quando o governador Gavin Newsom, da Califórnia, admitiu em 2023 que “faríamos tudo diferente”, enfatizou: “nós, coletivamente” sabíamos pouco em 2020 e, portanto, mal poderíamos ser responsabilizados (depois acrescentou: “dificilmente eu” para sublinhar sua recusa em assumir responsabilidade).¹² Mas a versão de 2020 de Newsom demonstrou pouca humildade ou dúvida quando repreendeu os moradores para que colocassem a máscara “entre uma mordida e outra” enquanto jantavam ao ar livre. E as elites trabalharam arduamente durante 2020 e nos anos seguintes para suprimir o debate sobre como responder à pandemia, comportamento que está longe de ser coerente com sua recente postura de humildade. Como mostramos ao longo do livro, o elitismo durante a pandemia degradou o discurso público, e os populistas, com seu radar afinado para detectar hipocrisia elitista, perceberam isso. Rápidas em culpar eleitores ingênuos de Trump e pessoas antivacina pelas falhas previsíveis no desenho de políticas, as elites criaram um clima em que valores científicos e a integridade do debate público foram minados.¹³

Nossos antagonistas principais são aqueles que demonstram pouco interesse em compreender os eleitores populistas, preferindo zombar deles como ignorantes e ingênuos na melhor das hipóteses, racistas na pior. Essas elites dominam as páginas de opinião dos jornais e são comuns entre os intelectuais públicos. Esse tom paternalista infelizmente permeou o discurso de maneira

mais ampla. É fácil revirar os olhos para quase tudo o que as “massas” fazem. Quando confrontados com a discordância, não buscamos mais entender o outro lado, muito menos contra-argumentar — embora ambas as abordagens sejam necessárias para uma democracia saudável. Em vez disso, cede-se facilmente ao desprezo e à desconsideração. Essas atitudes, muito mais do que o populismo, são responsáveis pelo cenário esvaziado e polarizado que enfrentamos hoje.

Considere esta descrição de um grupo de 12 milhões de norte-americanos que votaram na eleição presidencial de 2016: são de classe média e escolarizados. São fortemente favoráveis ao aumento de impostos sobre os ricos. Desconfiam das elites e acreditam que nosso sistema é manipulado: são, em grande maioria, convencidos de que nossa economia favorece os ricos, de que o dinheiro é distribuído de forma injusta e de que não têm voz real na política. Suas visões sociais são relativamente moderadas. De quem estamos falando? De eleitores de Sanders ou de eleitores de Trump? Trata-se de uma extrapolação de um estudo sobre eleitores de Trump.¹⁴ Esse grupo não forma a maioria da base de Trump, embora — em 2016, compunha 19% dela, mais do que suficiente para decidir uma eleição. De fato, eram os que tinham as opiniões mais favoráveis tanto sobre Sanders quanto sobre Clinton, entre todos os subconjuntos de eleitores de Trump. A maioria dos eleitores de Trump não é populista, assim como Trump não é necessariamente um populista. Em vez disso, um subconjunto desses eleitores é populista, e são eles que buscamos compreender.

Embora seja tentador agrupar todos os eleitores de Trump, fazê-lo é intelectualmente descuidado. Populistas são distintos, em valores e visão de mundo, de outras bases eleitorais — desde a *alt-right* até conservadores tradicionais — que podem ter votado em Trump em 2016 e talvez o façam novamente. Coalizões eleitorais não são um bloco uniforme. Mais eleitores de Trump eram republicanos tradicionais — como os que defendem impostos mais baixos ou os que são culturalmente conservadores — do que populistas.

Em seu nível mais básico, o populismo é a rejeição das elites pelas massas. Nos últimos anos, o conceito de populismo foi embaralhado e mal utilizado, em grande parte por aqueles fortemente críticos de certas formas de populismo.

Falaremos mais sobre isso no capítulo 2. Em particular, porém, estamos mais interessados nos eleitores populistas, não em quem eles votam. Tanto Sanders quanto Trump atraíram eleitores populistas. Interessa-nos mais esse grupo de eleitores — que, como o estudo mencionado sugere, compartilham muito entre si — do que os políticos imperfeitos que recebem seu apoio. O populismo é mal compreendido em parte porque muitos analistas começam pela conclusão de que ele é ruim e deve ser detido. Assim, ampliam seus elementos mais feios e ignoram o restante. Em nossa visão, para falar sobre populistas é preciso ser capaz de explicar vários fenômenos simultaneamente: Bernie Sanders, Donald Trump, Hugo Chávez, os populistas do século XIX. Excluir a variação que não convém à sua visão de mundo não ajuda em nada.

Os populistas lançam uma crítica séria às elites. O uso que elas fazem da expertise muitas vezes não é motivado por fatos, mas por valores disfarçados de julgamentos. O especialista reforça a autoridade da alegação de conhecimento, legitimando uma determinada agenda política. Como repetimos ao longo deste livro, fatos raramente (ou nunca) resolvem questões de políticas públicas. Mas muitas elites, falando em seu jargão tecnocrático, descartam as preocupações de cidadãos comuns e os excluem da discussão política. As elites preferem não ouvir as pessoas comuns porque, a seu ver, essas pessoas carecem da competência necessária até mesmo para participar da discussão. Levar a sério a crítica populista aos especialistas ajuda a explicar o apelo duradouro do populismo. Isso ocorre sem culpar os eleitores, redirecionando o foco para questionar se nossas instituições de governo talvez tenham alguma responsabilidade no que alguns chamam de crise democrática. A crítica populista é uma resposta a uma verdadeira patologia das elites. Muitas elites são, sem dúvida, bem-intencionadas, mas isso não é suficiente.

Excesso de atuação

Nosso livro conta uma história em três partes. No primeiro ato, as elites extrapolam. No segundo, os populistas as denunciam. No terceiro, em vez de levar essa crítica a sério, as elites dobram suas apostas.

Na parte I, detalhamos o fenômeno do excesso de atuação das elites. Mostramos como, ao mobilizarem a expertise, as elites estenderam demais sua influência. Começamos explicando por que usamos o termo *elite* apesar da resistência de alguns colegas. Como qualquer categoria social, as elites não são um bloco uniforme. Mas certas tendências e hábitos predominam entre elas, como a crença de que as massas são ignorantes e, por isso, deveriam acatar as orientações de seus guias elitistas, detentores de conhecimento e habilidade superiores. Muitas elites exibem uma visão nostálgica de racionalidade e conhecimento, mas que não resiste a um exame crítico. No capítulo 3, mostramos como alegações falhas de expertise são mobilizadas em políticas públicas. No capítulo 4, mostramos por que a expertise é inerentemente problemática, discutindo questões sistemáticas na geração e na interpretação da expertise. Essa nuance é caracteristicamente ignorada pelas elites.

A parte II analisa de perto os principais críticos das elites: os populistas. A sabedoria convencional contém muitas imprecisões sobre o populismo, que esclarecemos no capítulo 5 ao focar nos eleitores populistas. Entendemos o populismo como uma resposta racional a uma esfera pública moldada pela captura elitista. O populismo surge de ouvir repetidamente “não” e de lidar com uma política de exclusão. Os populistas trazem uma epistemologia única para o debate (capítulo 6). São céticos quanto às alegações feitas pelas elites, acreditando, em vez disso, que a sabedoria pode vir do bom senso e da experiência. No capítulo 7, defendemos essa epistemologia, mostrando que ela se sustenta plenamente quando comparada à epistemologia da expertise.

Em vez de levar essas críticas a sério, as elites redobram sua exclusividade, como mostramos na parte III. Um tropeço recorrente do comentário elitista é a afirmação de que vivemos em uma era de misinformação e desinformação, uma esfera pública inundada de lixo. No capítulo 8, mostramos que essa visão é superficial tanto empiricamente quanto teoricamente. As coisas não estão diferentes do que sempre foram, e os fatos importam menos para a formação de opinião do que as elites supõem. De forma preocupante, as elites estenderam sua obsessão com a misinformação para a esfera acadêmica, tema do capítulo 9. Ali examinamos a alegação de que a academia está repleta de “mercadores

da dúvida”, afirmação que levou à rotulagem equivocada e ao sufocamento do debate comum. A epistemologia promovida pelos defensores dessa visão revela-se muito mais uma questão de favorecer os membros de seu próprio clube do que uma questão dos fatos científicos. No capítulo 10, vinculamos esses comportamentos a uma crescente falta de transparência entre as elites. Muitos concordam que os Estados Unidos enfrentam um problema de liberdade de expressão, com censura e autocensura em ascensão. Em resposta, muitas elites dão de ombros. Suas convicções são tão inflexíveis, tão carentes de curiosidade, que não veem razão para defender valores básicos de investigação aberta.

Alguns podem ler este livro e talvez interpretar mal sua mensagem. Não estamos aqui para criticar racionalidade, fatos e conhecimento. Somos acadêmicos. Acreditamos profundamente que as virtudes do temperamento acadêmico — abertura à crítica, disposição para considerar opiniões contrárias e debate vigoroso — são a melhor forma de buscar conhecimento. Mas pensamos que a captura tecnocrática da esfera pública pelas elites prejudicou o empreendimento que tanto prezamos. Nosso livro foi escrito na esperança de que nossos colegas de elite considerem nossas afirmações e nos concedam uma escuta justa. Muitos de nossos amigos leram nosso trabalho e responderam: “Claro, as elites extrapolam, mas qual é a alternativa?” Mesmo que se pense que não existe alternativa ao domínio das elites na esfera do discurso público, as elites poderiam ser infinitamente mais eficazes se desenvolvessem uma compreensão melhor de como sua conduta mina suas próprias agendas.¹⁵ Nosso objetivo principal neste livro é dissecar o que há de errado com o discurso na esfera pública. Somos críticos das abordagens elitistas ao discurso sobre políticas públicas e pensamos que o problema possui diversas dimensões. Além disso, acreditamos que grande parte da população não pertencente à elite foi expulsa da esfera pública. Consideramos isso um erro, tanto em si mesmo quanto em relação aos objetivos das elites tecnocráticas. Nossa aspiração mais elevada é reexaminar o que significa ser membro de um sistema político (ou *polity*), pois é isso que nos une.

I - Uma Jogada Exagerada: A Era da Expertise Irrefletida

Imostra